

ABANDONO DE POVOADOS: MINAS DO CAMAQUÃ E MINAS CORRALES NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY

LAÍS DELLINGHAUSEN PORTELA¹; EDUARDO ROCHA²

¹UFPEl – laiisd@gmail.com

²UFPEl – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Foram construídas inúmeras edificações, ruas e infraestrutura – cidades, em massa, motivadas pela industrialização que deram conta de sua função durante determinado período, contribuindo para o desenvolvimento acelerado do urbanismo. Porém por vários motivos, em décadas posteriores foram abandonadas. O fechamento das fábricas, frigoríficos, mineradoras e até mesmo catástrofes naturais acabaram por despovoar cidades, obrigando populações inteiras a migrar para novas regiões em busca de melhores condições de vida.

Para melhor conceituar os locais de estudo, através do conceito de Milton Santos (1996), utiliza-se o termo povoações abandonadas para designar um lugar que outrora recebeu um conjunto de edificações com moradias, escolas, igrejas, comércio. Que foi arraial, vila ou cidade, mas que hoje se encontra desabitado, em ruínas ou com poucas pessoas habitando.

Nessa pesquisa, compreende-se abandono como o lugar de construção da subjetividade, onde traçamos mapas, desenhos, sensações e até mesmo violência. Entende-se então, como linha de escape o estado em que o abandono se encontra, produz e reproduz. Estado econômico, cultural, social, histórico e sensorial que busca desafiar a imaginação e a reflexão, além de transitar pelos campos da filosofia, da literatura, da arquitetura, da morfologia e das relações socioeconômicas.

Deste modo, através da aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia contemporânea francesa, a temática a ser abordada nessa pesquisa é o abandono de povoados na faixa de fronteira Brasil – Uruguai. Buscando a obtenção de resultados mais precisos, delimitou-se duas localidades: a primeira em território brasileiro, Minas do Camaquã, povoado pertencente à Caçapava do Sul, localizado no estado do Rio Grande do Sul; e outra localizada no Uruguai, Minas Corrales, cidade pertencente ao Departamento de Rivera.

Não basta a análise tradicional construtiva e cronológica das origens urbanas, seu desenvolvimento e posterior plano de futuro. Anseia-se, nessa pesquisa, o caminho inverso ao tradicional, compreender o hoje, a fragmentação dos espaços até desvendar sua decadência e, posteriormente alcançar os motivos que culminaram sua criação. Ora, seriam os fatores de criação posteriormente também os responsáveis por seu abandono?

É importante compreender e sintetizar, ao longo dessa pesquisa os diferentes sentidos em que a palavra “abandono” transita.

O interesse em analisar o abandono de povoados se dá pelo pouco espaço que este ocupa na bibliografia urbanística, estando aquém das críticas. Seja porque estamos treinados a observar o crescimento desenfreado das cidades e a racionalização do espaço por consequência ou porque pensamos no espaço do abandono como o lugar da ausência, da impossibilidade. É estudar a cidade sendo desconstruída, tão potente quanto a sua construção.

Questiona-se como os povoados abandonados (de)compõe seus espaços públicos? Que capacidades e potências esse tempo, do (des)tempo, é capaz de (des)ativar no corpo-cidade?

Tem-se como objetivo geral mapear e analisar os espaços públicos de povoados abandonados, nas localidades de Minas do Camaquã (Brasil) e Minas Corrales (Uruguai), na faixa de fronteira Brasil-Uruguai, afim de experimentar e corporificar sentidos para pensar as cidades na contemporaneidade. Aprender com o que está sendo descartado e esquecido.

Portanto, o estudo aqui abordado, tem como objetivos específicos compreender a estrutura que compõe o ato do abandono (morfológica, arquitetônica, cultural e sensorial, etc.); experimentar por cartografias sensíveis o abandono (imagética, caminhante, em contato com os habitantes, narrativas, etc.); conhecer por meio da relação direta os lugares do abandono, seu potencial cultural, artístico e pedagógico, entendendo que a cidade pode ensinar; analisar e dar voz às diferentes potencialidades e casualidades encontradas no abandono, estabelecendo variáveis que permitam ilustrar de maneira clara o espaço e o tempo como sentido básico de orientações, através de elementos de leitura de planos e cartografias urbanas.

2. METODOLOGIA

2.1. Cartografia urbana (método)

De acordo com Félix Guattari, “As cidades são imensas máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva” (2000, p. 172). Experimentar o abandono (material e imaterial) compõem a experiência humana sob os mais variados aspectos. Os contatos humanos com essa experiência – a partir do que fala Guattari numa certa materialidade diante dos estudos em arquitetura e urbanismo, através dos espaços urbanos– como os parques, praças, ruas e vazios podem cada um a seu modo e de diferentes maneiras, interpelar os cidadãos gerando experiências subjetivas. Portanto, cartografar os territórios (zonas de experiência) significa dar voz para a expressão da materialmente à multiplicidade do ser humano.

Para Michel De Certau (2000, p. 34) as práticas cotidianas possuem uma peculiar criatividade para revolucionar as formas padronizadas de viver, essas são impostas pela comunicação, publicidade, espaços geométricos e por instituições do desenho urbano na cidade. Dessa forma, a noção prática é essencial para a aproximação com a vida cotidiana.

2.2. A pedagogia da viagem (procedimento)

A pedagogia da viagem acontece pelo universo da descoberta, além da viagem exploratória, mas uma constatação de certos aspectos que estavam ali – ocultos. A viagem embora trace caminhos preparados, conhecidos – “porque de certa forma conhecemos para onde vamos” – nos mostra novos e diversas possibilidades de caminhos a seguir (pensar). E, nesse caminho, abre lacunas para seguirmos nossos próprios caminhos e reorientar criticamente nossas concepções (cartografia). Assim, divide-se a experiência da pedagogia da viagem em 3 partes: a bagagem antes da viagem, a preparação das malas com as intenções da viagem; e o ato de viajar e estarmos abertos ao novo, carregando coisas pelo caminho e deixando outras e; por fim chegar, desfazer as malas, com todas as coisas coletadas junto com as que levamos. Sobre essas coisas, cria-se a necessidade de organizá-las, pensá-las, saber o que guardar, o que dar, o que presentear, o que devolver e o que esquecer (resistências).

Seria, nesse contexto, a pedagogia da viagem o lugar do entre, da fresta nas cidades e nas concepções de qualidades de um lugar próspero (ou não). Por outro lado, essas experiências no entre, são do que se agita na fresta, “o sentido é apenas um vapor movendo-se no limite das coisas e das palavras (DELEUZE, 2006, p. 225). Por isso mergulhar no mundo da viagem no interstício das cidades é da ordem da complexidade e das multiplicidades.

A partir da pedagogia da viagem, vamos desenhar mapas, entrevistar usuários, fotografar, filmar, narrar experiências e praticar intervenções nas localidades propostas para análise do abandono e suas coexistências. Para analisar e decompor todos os materiais coletados e produzidos será feito uso, além da própria cartografia urbana, dos métodos de análise morfológica e de conteúdo, compreendendo o espaço urbano como produtor de subjetividade – na relação espaço-corpo –, sempre no (em) processo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desses pensamentos escorre a palavra abandono, com seus diversos sentidos, às vezes contraditórios, incompletos, desconexos. Abandono pode ser a ação de deixar uma coisa, uma pessoa, uma função, um lugar. Podemos abandonar a família, abandonar o posto, abandonar o lar. Às vezes, abandonar é esquecer, renunciar. Abandonar a si mesmo, eu me abandono. O abandono antes de qualquer coisa é estado, uma condição, um acontecimento. É estar abandonado, sem cuidados, sem auxílio ou sem proteção. (ROCHA, 2010). O abandono representa a inquietação, um leque de possibilidades antes impensadas que, todavia, no agora se destacam.

Engano pensar que abandono precisar ser existente, material. Abandona-se também no campo da imaterialidade, da imaginação. É intangível. Estado de corpo, mente e alma. É ser algo e, ao mesmo tempo, deixar de ser/estar. Abandonamos, portanto, em dois sentidos principais: como uma ação, um movimento de deixar alguma coisa, uma pessoa, uma função, um lugar ou renunciarmos, esquecemos algo ao abandono. Abandonamos e somos abandonados, arquiteturas do abandono e abandonos da arquitetura (ROCHA, 2010).

Desconstrução que não se constitui destruição, mas um modo de desfazer uma estrutura para fazer aparecer seu esqueleto. Refazer o caminho. Andar pelos abandonos, os mesmo que andamos todos os dias, mas expondo a precariedade ruínosa da arquitetura, que já não explica mais nada, não é um centro, nem um princípio de nada e não tem mais força (ROCHA, 2010).

De acordo com Nestor Razente (2016), pode-se constatar que a incidência de abandonos hoje ultrapassa os dois mil casos e coexiste com a criação das megalópoles, desconhecendo questões político-ideológicas, condições de riqueza, é extraterritorial, está presente em diversos países e independe de sua condição.

O trabalho acima explanado, encontra-se em fase de desenvolvimento. Pretende-se, após o término da revisão bibliográfica e o contato com pessoas da localidade, aplicar a pedagogia da viagem a fim de obter material suficiente para análise e desenvolvimento de um material consistente que gere resultados positivos – ou não, mas que de alguma forma contribua para o meio acadêmico e aos municípios em situação de abandono.

Assim, como produção final, almeja-se produzir narrativas sobre o espaço do abandono nos limites de Minas do Camaquã (Brasil) e Minas Corrales (Uruguai), encarando a coexistência da materialidade e imaterialidade, das

políticas públicas e modos de vida no contexto apresentado no Brasil e no Uruguay.

Com esse material, almeja-se ampliar e complementar o material bibliográfico acerca do tema proposto, bem como contribuir sob o âmbito dos aspectos metodológicos par o urbanismo contemporâneo.

4. CONCLUSÕES

Compreende-se, de fato, os muitos estudos a respeito da urbanização crescente e desenfreada em seus diversos campos do conhecimento. Porém, passa-se despercebido e incompreendido os abandonos urbanos em sua totalidade principalmente frente a valorização atribuída, economicamente, aos espaços.

Ambos povoados tiveram seu desenvolvimento graças à extração de minérios durante o século XX quando a valorização do cobre, ouro e outros minerais estava em ascensão. As localidades se encontram localizadas geograficamente paralelas entre si e dispostas na mesma faixa geográfica.

O povoado de Minas do Camaquã, pertencente à Caçapava do Sul, obteve destaque e ascensão graças à descoberta de jazidas de cobre em 1865. Já a cidade de Minas Corrales, pertencente à Rivera, desenvolveu-se desde 1878 graças à mineração do ouro e aos currais de pedra que serviam para segurar as criações de gado.

O recorte geográfico, está aquém da localização, é, acima de tudo, território da diferença hierárquica na escala urbana em que as duas localidades estão inseridas, é internacional e culturalmente vasto. Ademais, no interstício de tanta pluralidade, estreitam-se de alguma forma os fatores que culminaram na origem desses aglomerados urbanos, bem como talvez se assemelham (ou não) seus aspectos derradeiros.

Nesse contexto, o abandono, em todos os sentidos, representa a inquietação perante algo/alguém. É ser e sentir acima de todas as coisas. E a partir das sensações, transcender em um leque de possibilidades que antes não nos eram ofertadas, mas que no exercício do agora se sobressaem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Graal, 2006, p.225.
- GUATTARI, F. **Caosmose**. São Paulo: Editara 34, 2000.
- PUCCI, Adriano Silva. **O estatuto da fronteira Brasil-Uruguaí**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2010.
- RAZENTE, Nestor. **Povoações abandonadas no Brasil [livro eletrônico]** / Nestor Razente. – Londrina : Eduel, 2016.
- ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquiteturas, da filosofia e das artes**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2010. [tese de doutorado]. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24722>>.
- ROSS, J. S. (org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp: 1995.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura. (org's). **Território: globalização e fragmentação**. 3.ed.São Paulo: Hucitec, 1996.
- VALA, Jorge. **A análise de conteúdo**. In: PINTO, José Madureira, SILVA, Augusto Santos (org.). **Metodologia das Ciências Sociais**. 3.ed. Porto: Edições Afrontamento, 1986.